

A filosofia como uma “segunda navegação” no *Fédon* de Platão

Philosophy as a “second sailing” in Plato’s *Phaedo*

ANDRÉ LUIZ BRAGA DA SILVA¹

Resumo: No *Fédon* de Platão, em seu leito de morte, o personagem Sócrates diz que lhe foi impossível, em sua vida, descobrir as verdades das causas dos entes através do aprender com os outros e da descoberta por si mesmo. O filósofo admite, então, que apelou para um Método de Hipóteses, algo que ele caracterizará como uma “segunda navegação”: hipotetizar o *lógos* que ele, Sócrates, decidia, em cada ocasião, ser o mais forte, acerca de causas e acerca de todo o resto. E o que lhe parecia em consonância com tal *lógos*, ele tomava por verdadeiro; o que não, tomava por falso (*Féd.* 99c1-100a7). A partir da análise das passagens desse diálogo sobre esse tema, bem como do esmiuçamento do sentido, no idioma heleno, da expressão usada para caracterizar o método, “*deúteros ploûs*”, o presente artigo apresenta o quadro traçado, no *Fédon*, do Método de Hipóteses – identificado no diálogo como o método da filosofia.

Palavras-chave: Platão; Fédon; Segunda; Navegação; Hipótese.

Abstract: In Plato's *Phaedo*, Socrates, in his death bed, tells his friends that it was no possible, in his life, discovery the true of the causes of the beings through learning from another, nor through discovery by himself. So, the philosopher acknowledges that he had to use a Method of the Hypotheses, something that he will call a “second sailing”: to hypothesize the *lógos* he, Socrates, decided, each time, be the strongest, about causes and whatever. What seemed to him in accord with this *lógos*, he called true; what not, he

¹ Possui Pós-Doutorado (Centre Léon Robin - Université Paris), Doutorado (USP), Mestrado (UFU) e Graduação (UFRJ) em Filosofia. Sua pesquisa de pós-doutorado na Sorbonne Université foi supervisionada por Anca Vasiliu, diretora, na instituição, do seminário L'héritage philosophique de l'Antiquité à l'époque tardo-antique et médiévale, e editora-fundadora do periódico Chora - Revue d'études anciennes et médiévales. No Brasil, Braga da Silva é membro do Grupo de Estudos de Platão e Aristóteles da USP, e do Grupo de Tradução de Obras Platônicas do Centro de Estudos Helênicos Areté. Publicou dezenas de artigos sobre filosofia nos mais importantes periódicos do meio. Possui experiência de magistério na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Representou o Brasil nos últimos congressos da International Plato Society (Georgia, 2022; Paris, 2019; Brasília, 2016), da International Society for Socratic Studies (Houston, 2022; Buenos Aires, 2018) e da International Association for Presocratic Studies (Delphi, 2022; Belo Horizonte, 2024), das quais é membro ativo. Seus artigos sobre o "Parmênides" e o "Sofista" de Platão foram selecionados para fazer parte dos livros de estudos sobre esses diálogos publicados pela International Plato Society (Academia/Nomos Verlag - edição sobre o "Parmênides": 2022; edição sobre o "Sofista": no prelo). Seu artigo sobre a polêmica entre Platão e Antístenes foi selecionado para compor o livro de estudos socráticos publicado pela International Society for Socratic Studies (De Gruyter Verlag - no prelo). Em 2022, foi aprovado em 20. lugar no concurso para Professor Substituto de História da Filosofia Antiga da Universidade de Brasília (UnB), e em 20. lugar no concurso para Professor Adjunto de História da Filosofia Antiga da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4140-2570> E-mail: andrebragart@yahoo.com.br

called false (*Phd.* 99c1-100a7). On the basis of the analysis of the dialogue’s passages on this matter as well of the meaning of the Greek expression employed to qualify the method, “*deúteros ploús*,” this paper presents the picture designed in the *Phaedo* of the Method of the Hypotheses – which is identified in the dialogue as the method of the philosophy.

Keywords: Plato; *Phaedo*; Second; Sailing; Hypothesis.

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa. [...] “Carece de ter coragem...” – ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Dói de responder: – “Eu não sei nadar...” O menino sorriu bonito. Afiançou: – “Eu também não sei.” Sereno, sereno.

Guimarães Rosa

(*Grande Sertão: Veredas*)

Introdução

Em seu famoso artigo de 1955 sobre a ontologia platônica, John Ackrill assim apresentava ao leitor o texto que se seguiria: “Esta é a versão diminuída de um texto lido num colóquio [...]. O texto foi formatado para provocar discussão; este fato pode ajudar a escusar alguns exageros e excessos de simplificação [...]”². De uma maneira semelhante, o presente artigo é, também, fruto de apresentações e debates em eventos acadêmicos, e visa, por certo, gerar diálogo e discussão em torno a uma passagem difícil de um dos diálogos mais importantes de Platão. Em que pese o fato de minha exposição ser mais breve do que seria desejável perante o tema que aborda, ela é aquela que atende às dimensões inerentes a um artigo. Que tal brevidade possa ser aceita enquanto saudável abertura e provocação à discussão, ao pensamento em conjunto: *tò dialégesthai*, como diziam os gregos.

As minhas metas aqui são basicamente duas:

- i) identificar as características e condições que o texto do diálogo platônico

²ACKRILL, 1997, p. 72, n. 1 [1955].

Fédon estabelece para o uso do chamado “Método de Hipóteses” – identificado, no diálogo, como o método da filosofia;

ii) explicitar o sentido da expressão utilizada para qualificá-lo, “segunda navegação”³, e apontar quais implicações decorrem desse sentido para uma compreensão, dentro da obra, do que é fazer filosofia.

Características e condições para o “Método de Hipóteses” no *Fédon*

Vejamos inicialmente as passagens de maior interesse:

[**Texto 1**] *Fédon* 84c-d: [após Sócrates realizar uma explicação sobre a imortalidade e indestrutibilidade da alma, faz-se um silêncio entre os presentes; mas Sócrates percebe que Símiias e Cebes estão a conversar baixo entre si, e diz:]

τί; [...] ὑμῖν τὰ λεχθέντα μὴν μὴ δοκεῖ ἐνδεῶς λέγεσθαι; πολλὰς γὰρ δὴ ἔτι ἔχει ὑποψίας καὶ ἀντιλαβὰς, εἴ γε δὴ τις αὐτὰ μέλλει ἰκανῶς διεξιέναι. εἰ μὲν οὖν τι ἄλλο σκοπεῖσθον, οὐδὲν λέγω: εἰ δέ τι περὶ τούτων ἀπορεῖτον, μηδὲν ἀποκνήσητε καὶ αὐτοὶ εἰπεῖν καὶ διελεῖν [...]

[SÓCRATES] E então? A vós com certeza não parece que falta dizer algo às coisas que foram ditas? [literalmente: “que as coisas ditas precisam serem ditas”] Pois muitas [dessas] coisas ainda são *suspeitas e pontos passíveis de ataque*, se alguém quiser *atravessá-las suficientemente*. [...] Se algo dessas coisas causa aporia [a vós], nada de hesitar, é hora de falar e de explicar [...].

(PLATÃO, *Fédon*, 84c5-d1 - grifos nossos⁴)

[**Texto 2**] *Fédon*, 85b10-e2: [na sequência, Símiias fará a seguinte colocação:]

καλῶς [...] λέγεις [...] καὶ ἐγὼ τέ σοι ἐρῶ ὁ ἀπορῶ, καὶ αὖ ὅδε, ἧ οὐκ ἀποδέχεται τὰ εἰρημένα. ἐμοὶ γὰρ δοκεῖ, ὃ Σώκρατες, περὶ τῶν τοιούτων ἴσως ὥσπερ καὶ σοὶ τὸ μὲν σαφὲς εἰδέναι ἐν τῷ νῦν βίῳ ἢ

3 Sobre o “Método de Hipóteses” no *Fédon*, portanto, não analisarei aqui o conteúdo propriamente dito dele, mas apenas os seus aspectos formais.

4 É cabível assinalar que todas as traduções apresentadas neste artigo, salvo disposição em contrário, são de minha autoria, e foram feitas propositalmente de modo o mais literal possível. Apesar das desvantagens óbvias – não-fluidez do texto em português, frases muito longas, e, às vezes, redundância – opto por este caminho porque entendo que, para a análise do conteúdo filosófico, o ganho valha a pena.

ἀδύνατον εἶναι ἢ παγχάλεπόν τι, τὸ μέντοι αὖ τὰ λεγόμενα περὶ αὐτῶν μὴ οὐχὶ παντὶ τρόπῳ ἐλέγχειν καὶ μὴ προαφίστασθαι πρὶν ἂν πανταχῆ σκοπῶν ἀπειπῆ τις, πάνυ μαλθακοῦ εἶναι ἀνδρός: δεῖν γάρ περὶ αὐτὰ ἐν γέ τι τούτων διαπράξασθαι, ἢ μαθεῖν ὅπῃ ἔχει ἢ εὐρεῖν ἢ, εἰ ταῦτα ἀδύνατον, τὸν γοῦν βέλτιστον τῶν ἀνθρωπίνων λόγων λαβόντα καὶ δυσεξελεγκτότατον, ἐπὶ τούτου ὀχοῦμενον ὥσπερ ἐπὶ σχεδίας κινδυνεύοντα διαπλεῦσαι τὸν βίον, εἰ μὴ τις δύναιτο ἀσφαλέστερον καὶ ἀκινδυνότερον ἐπὶ βεβαιοτέρου ὀχήματος, ἢ λόγου θείου τινός, διαπορευθῆναι. [...] ἐμοὶ γάρ, ὦ Σώκρατες, ἐπειδὴ καὶ πρὸς ἑμαυτὸν καὶ πρὸς τόνδε σκοπῶ τὰ εἰρημμένα, οὐ πάνυ φαίνεται ἱκανῶς εἰρησθαι.

[...] ἴσως γάρ [...] ὦ ἑταῖρε, ἀληθῆ σοι φαίνεται [...] οὐχ ἱκανῶς.

[SÍMIAS] Falas belamente, Sócrates. Eu te direi aquilo que me deixa em aporia, e então este [sc. Cebes] [dirá] em relação ao quê ele não aceita as coisas ditas. Pois a mim parece, e talvez também a ti, Sócrates, que o *conhecer seguro*⁵ é, nesta vida, algo ou impossível ou completamente difícil; e que, sem o submeter ao exame de refutação por absolutamente todo modo as coisas ditas sobre estas coisas, e se desistir antes de investigá-las de todo jeito, quem [assim age] é um homem de ânimo mole. Pois é preciso sobre estas coisas realizar uma das seguintes [opções]: ou aprender de algum jeito, ou descobrir [por si mesmo], ou, se estas [forem] impossíveis, tomando dos *lógoi* humanos aquele ao menos melhor e mais difícil de refutar, [é preciso] *sobre ele deixar-se carregar, como se arriscando sobre uma jangada navegar, realizando a travessia da vida*, se acaso a ninguém for possível o de tudo mais seguro e sem risco: ser carregado através [da vida] sobre a embarcação mais firme: algum *lógos* divino. [...] De fato, Sócrates, a mim as coisas ditas não pareceram completa e satisfatoriamente ditas.

[SÓC.] Talvez, amigo, [seja] verdadeiro [o modo como te] pareceram [...] não suficientemente [ditas].

(PLATÃO, *Fédon*, 85b10-e2 - grifos nossos)

[**Texto 3**] *Fédon*, 99c6-d3 [após vai narrar seu pretérito percurso *sem sucesso* atrás do conhecimento das causas, Sócrates apresentará a sua alternativa para essa busca infrutífera, e retomará a metáfora náutica aludida acima por Símiias no Texto 2; a ligação e simetria entre as falas dos dois personagens é uma das poucas quase-

⁵ Conforme sentido de “*saphés*” num contexto mântico, contexto esse expressamente afirmado no *Fédon* pela referência à adivinhação e a Apolo, 4 linhas acima no texto. Ver LINDELL-SCOTT, 1996, p. 1587; ver também SÓFOCLES, *Édipo em Colono*, v. 623.

unanimidades nos comentários ao *Fédon*⁶]

ἐγὼ μὲν οὖν τῆς τοιαύτης αἰτίας ὅπη ποτὲ ἔχει μαθητῆς ὅτουοῦν ἥδιστ' ἂν γενοίμην: ἐπειδὴ δὲ ταύτης ἐστερήθην καὶ οὐτ' αὐτὸς εὐρεῖν οὔτε παρ' ἄλλου μαθεῖν οἷός τε ἐγενόμην, τὸν δεύτερον πλοῦν ἐπὶ τὴν τῆς αἰτίας ζήτησιν ἧ̃ πεπραγμάτευμαι βούλει σοι, ἔφη, ἐπίδειξιν ποιήσωμαι, ὧ̃ Κέβης;

ὑπερφυῶς μὲν οὖν [...] ὡς βούλομαι.

[SÓC.] [...] Eu ficaria satisfeito que algo houvesse para ser aprendido de algum jeito desta causa; quando posto a adquiri-la, não vim nem a descobri-la sozinho, nem a aprender o que ela é de outra pessoa; desejas que eu realize uma exibição da “segunda navegação” que eu realizei com relação à busca da causa, Cebes?

[CEBES] Com certeza que desejo.

(PLATÃO, *Fédon*, 99c6-d3 - grifos nossos)

[**Texto 4**] *Fédon*, 99e4-100d9 [Sócrates então expõe seu “Método de Hipóteses”:]

37

ἔδοξε δὴ μοι χρῆναι εἰς τοὺς λόγους καταφυγόντα ἐν ἐκείνοις σκοπεῖν τῶν ὄντων τὴν ἀλήθειαν. ἴσως μὲν οὖν ὧ̃ εἰκάζω τρόπον τινὰ οὐκ ἔοικεν: οὐ γὰρ πάνυ συγχωρῶ τὸν ἐν τοῖς λόγοις σκοπούμενον τὰ ὄντα ἐν εἰκόσι μᾶλλον σκοπεῖν ἢ τὸν ἐν τοῖς ἔργοις. ἀλλ' οὖν δὴ ταύτη γε ὥρμησα, καὶ ὑποθέμενος ἐκάστοτε λόγον ὃν ἂν κρίνω ἐρρωμενέστατον εἶναι, ἃ μὲν ἂν μοι δοκῆ τούτω συμφωνεῖν τίθημι ὡς ἀληθῆ ὄντα, καὶ περὶ αἰτίας καὶ περὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων ὄντων, ἃ δ' ἂν μή, ὡς οὐκ ἀληθῆ. βούλομαι δέ σοι σαφέστερον εἰπεῖν ἃ λέγω: οἶμαι γὰρ σε νῦν οὐ μανθάνειν.

οὐ μὰ τὸν Δία [...] οὐ σφόδρα.

ἀλλ', ἧ̃ δ' ὅς, ὧ̃δε λέγω, οὐδὲν καινόν, ἀλλ' ἄπερ αἰεὶ τε ἄλλοτε καὶ ἐν τῷ παρεληλυθότι λόγῳ οὐδὲν πέπαυμαι λέγων. ἔρχομαι γὰρ δὴ ἐπιχειρῶν σοι ἐπιδείξασθαι τῆς αἰτίας τὸ εἶδος ὃ πεπραγμάτευμαι, καὶ εἶμι πάλιν ἐπ' ἐκεῖνα τὰ πολυθρύλητα καὶ ἄρχομαι ἀπ' ἐκείνων, ὑποθέμενος εἶναί τι καλὸν αὐτὸ καθ' αὐτὸ καὶ ἀγαθὸν καὶ μέγα καὶ τᾶλλα πάντα: ἃ εἶ μοι δίδως τε καὶ συγχωρεῖς εἶναι ταῦτα, ἐλπίζω σοι ἐκ τούτων τὴν αἰτίαν ἐπιδείξιν καὶ ἀνευρήσειν ὡς ἀθάνατον ἢ ψυχῆ.

⁶ Cf. ROBINSON, 1941, p. 145; DORTER, 1982, p. 127; BURGER, 1984, p. 104; 147-148; SHIPTON, 1979, p. 34; 37; 38-39; FISCHER, 2002, p. 651, n. 4; 652; 657; 677.

ἀλλὰ μήν [...] ὡς διδόντος σοι οὐκ ἂν φθάνοις περαίνων.

σκόπει δὴ [...] τὰ ἐξῆς ἐκείνοις ἐάν σοι συνδοκῆ ὥσπερ ἐμοί. φαίνεται γάρ μοι, εἴ τί ἐστιν ἄλλο καλὸν πλὴν αὐτὸ τὸ καλόν, οὐδὲ δι’ ἐν ἄλλο καλὸν εἶναι ἢ διότι μετέχει ἐκείνου τοῦ καλοῦ: καὶ πάντα δὴ οὕτως λέγω. τῆ τοιᾶδε αἰτία συγχωρεῖς;

συγχωρῶ [...].

[...] οὐ γὰρ ἔτι τοῦτο δισχυρίζομαι, ἀλλ’ ὅτι τῷ καλῷ πάντα τὰ καλὰ γίνονται καλά. τοῦτο γάρ μοι δοκεῖ ἀσφαλέστατον εἶναι καὶ ἐμαυτῷ ἀποκρίνασθαι καὶ ἄλλω [...].

[SÓC.] [...] Pareceu-me ser necessário, em buscando refúgio nos *lógoi*, neles procurar a verdade dos entes. Talvez isto, de algum, jeito, não pareça com aquilo que eu imagino; pois nem eu concordo completamente com *investigar o que é buscado dos entes em imagens, nos lógoi*, mais do que [buscar] nas coisas concretas. Mas meu ímpeto está nisto: *hipotetizando em cada ocasião o lógos que eu decido ser o mais forte, as coisas que porventura me parecerem em consonância com ele considero como sendo verdadeiras*, as que por acaso não [me parecerem em consonância com ele considero] como não verdadeiras, seja acerca de causa seja acerca de todas as outras coisas. Vou dizer aquilo que digo com mais clareza para ti, pois acho que agora tu não entendes.

[CEB.] Não, por Zeus, não completamente.

[SOC.] Mas o que estou dizendo não é nada novo, mas o que sempre e em outras ocasiões e na discussão passada eu acabo falando. Pois vou tentar mostrar a ti o tipo de causa que realizei, e estou de volta àquelas coisas já muito faladas. E inicio por elas mesmo: hipotetizando existir algo em si e por si belo e [em si e por si] bom e [em si e por si] grande, e todas as outras coisas. *Se estas coisas garantires a mim e concordares que elas existem*, tenho esperança de demonstrar para ti a causa a partir destas coisas e descobrir como a alma é imortal.

[CEB.] Com certeza [...] que isso te é garantido.

[SOC.] Observa se por ventura a ti também parece, quanto às coisas que se seguem daquelas, serem como são para mim. Pois parece-me que, se há alguma outra coisa bela que não o belo em si, isso é assim não devido a algo outro belo que não devido ao

participar naquele belo [em si]; e do mesmo jeito para todas as coisas que eu disse. Concordas com esta causa?

[CEB.] Concordo.

[...]

[SOC.] [...] Pois não sustento com veemência outra coisa que não isto: que todas as coisas belas vêm a ser belas numa relação com o belo [em si]. Pois *isto parece-me ser o mais seguro a responder*, seja para mim seja para outra pessoa. [...]

(PLATÃO, *Fédon*, 99e4-100d9 - grifos nossos)

[**Texto 5**] *Fédon*, 107a2-b6 [após a realização da demonstração da imortalidade da alma (*Féd.* 100e8-106d9) a partir da concordância acima, o grupo de debatedores assim arremata]:

οὐκ οὐκ ἔγωγε, ὦ Σώκρατες [...] πῆ ἀπιστεῖν τοῖς λόγοις. [...]

ἀλλὰ μήν [...] οὐδ' αὐτὸς ἔχω ἔτι ὅπῃ ἀπιστῶ ἔκ γε τῶν λεγομένων: ὑπὸ μέντοι τοῦ μεγέθους περὶ ὧν οἱ λόγοι εἰσὶν, καὶ τὴν ἀνθρωπίνην ἀσθένειαν ἀτιμάζων, ἀναγκάζομαι ἀπιστίαν ἔτι ἔχειν παρ' ἑμαυτῷ περὶ τῶν εἰρημένων.

οὐ μόνον γ', [...] ὦ Σιμμία [...], ἀλλὰ ταῦτά τε εὖ λέγεις καὶ τὰς γε ὑποθέσεις τὰς πρώτας, καὶ εἰ πιστὰ ὑμῖν εἰσιν, ὅμως ἐπισκεπτέαι σαφέστερον [...].

[CEB.] Eu, pelo menos, Sócrates, [...] não tenho nada a duvidar com relação a estes argumentos⁷.

[SÍM.] Muito menos eu poderia duvidar, depois dessas coisas ditas. Contudo, apesar disso, *devido à magnitude das coisas* acerca das quais [estes] *lógoi* são, e considerando em não alta estima a *fraqueza humana*, sou obrigado ainda, no meu íntimo, a *desconfiar das coisas que foram ditas*.

⁷ Apesar de ter sido dito no passo *Fédon* 77a-b que Cebes é “o homem mais obstinado em relação ao desconfiar dos *lógoi*”, vemos que, em 107a-b, não é ele, mas sim Símiias, quem ainda manifestará uma derradeira desconfiança quanto às conclusões da discussão.

[SÓC.] Falas corretamente não apenas em relação a estas coisas, Símiás, mas também em relação àquelas *hipóteses anteriores: ainda que sejam, aos vossos olhos, confiáveis, é preciso do mesmo jeito examiná-las a fundo e de modo mais seguro.*

(PLATÃO, *Fédon*, 107a2-b6 - grifos nossos)

II

Expressão “segunda navegação”: esboço da querela entre os comentadores

Sem dúvida a ocorrência da expressão “segunda navegação” (*deúteros ploûs*) em *Féd.* 99c9-d1 é uma das passagens mais debatidas do *corpus platonicum*. Nesse sentido, o rápido esboço que vou traçar aqui do *status quo* da discussão na literatura secundária está longe de pretender ser exaustivo. Limitar-me-ei a apresentar algumas das principais posições de cuja existência possuo conhecimento.

Burger, Gallop e Fischer afirmam que a expressão “*deúteros ploûs*” tem dois significados possíveis em grego: pode significar, no ato de navegar, o uso de remos quando o vento para (sentido este, segundo Burger, legado pelo fr. 241 do poeta cômico Menandro), ou, pode significar, em geral, um segundo modo, mais seguro, de realizar alguma coisa (sentido este, segundo Burger, sugerido pelo comentário do escoliasta a essa expressão no *corpus platônico*)⁸. Analisarei estes pontos mais à frente.

Na esteira de Burger, Gallop afirma que, dos dois sentidos indicados pela estudiosa, “o primeiro [...] é bem atestado”, mas não esboça nada nesse sentido acerca do segundo⁹. Fischer repete a menção ao fragmento de comédia, acrescentando a ela a referência ao *Corpus Paroemiographorum Graecorum*¹⁰. Contudo, essa coletânea de provérbios não chega a oferecer explicações sobre o significado dos mesmos.

Com relação ao uso específico da expressão para caracterizar o Método de

⁸ BURGER, 1984, p. 254, n. 26; GALLOP, 2002, p. 176; FISCHER, 2002, p. 675.

⁹ GALLOP, 2002, p. 176.

¹⁰ FISCHER, 2002, p. 675, n. 62.

Hipóteses em *Fédon* 99c9-d1, Burger e Dixsaut assumem abertamente o segundo dos sentidos apresentados acima: *um modo “mais seguro” para a realização de algo*¹¹. Posição análoga a essa é a de Robin, Burnet e Robinson: embora apontem que o *sentido próprio da expressão é o oposto, i.e. a “falta de segurança”,* tais estudiosos acusam um uso “irônico” para a mesma nessa passagem do *Fédon*¹². Em sentido inverso encontram-se Hackforth e Shipton, para os quais a expressão *veicula, de fato, o sentido oposto: uma noção de forte “insegurança”*¹³.

Com relação aos dois sentidos supramencionados, i) o uso de remos quando o vento para, e ii) um segundo modo, mais seguro, de realizar alguma coisa, sou obrigado a dizer que os classicistas que os expõem, fazendo estes sentidos aparecerem como duas alternativas, me parecem terem “perdido o ponto” da expressão *“deúteros ploús”*. A expressão é, na verdade, um *provérbio*, i.e. uma expressão metafórica difundida, à época, como provérbio. E, como toda metáfora, ela apresenta uma *“imagem”* e um *significado específico* a ela assinalado. Nesse sentido, a imagem náutica dos remos é a própria metáfora da expressão, o que *não* exclui a existência de um significado ulterior e mais geral para a mesma (como é próprio aos provérbios).

Se isto puder ser aceito, entendo que a apresentação de dois supostos “sentidos”, como que num esquema de duas alternativas, sugira uma autoexclusão entre eles. Não obstante, como veremos a seguir, a imagem náutica e seu significado proverbial na cultura grega eram duas coisas que coexistiam de maneira não problemática.

III

Explicação da expressão “segunda navegação”: imagem, sentido e usos

Como visto na citação acima da passagem do *Fédon*, eu grifei com aspas a

¹¹ BURGER, 1984, p. 150-151; 154; 254, n. 26 e 27; DIXSAUT, 1991, p. 139-140.

¹² ROBIN, 1934, p. XLVIII; BURNET, *apud* FISCHER, 2002, p. 676, n. 66; ROBINSON, 1941, p. 110.

¹³ HACKFORTH, 1972, p. 137; SHIPTON, 1979, p. 50, n. 11 e n. 15. Sobre a ausência de obrigação de ver, na insegurança denunciada no método, um sinal de que ele é próprio à misologia e não à filosofia, ver DORTER, 1982, p. 89.

expressão chave "deúteros ploûs" ("segunda navegação"), precisamente para marcar que se tratava de uma expressão metafórica e proverbial do idioma grego antigo. Vejamos, dela, a imagem, o sentido e os usos:

1) conforme já apontado pelos comentadores, a descrição desta imagem ou metáfora está no fragmento 241K da comédia perdida *Thasyleon*, de Menandro:

[**Texto 6**] ὁ δεύτερος πλοῦς ἐστὶ δῆπου λεγόμενος, ἂν ἀποτύχη τις οὐρίου, κώπαισι πλεῖν.

a "segunda navegação" é sem dúvida o *ditado* de, se acaso a alguém ocorrer de parar o vento, navegar com os remos.

(MENANDRO, fr. 241K - grifos nossos)

2) já a explicação do *significado desse provérbio* está *inter alia* nos *Scholia Graeca in Platonem*, no comentário do escoliasta à ocorrência dessa mesma expressão em *Filebo* 19c2-3 (comentário este o qual, por seu turno, corresponde ao fragmento 228 de Menandro):

[**Texto 7**] 19c2-3 δεύτερος... πλοῦς] παροιμία "δεύτερος πλοῦς". ἐπὶ τῶν ἀσφαλῶς τι πραττόντων, παρ' ὅσον οἱ διαμαρτόντες κατὰ τὸν πρότερον πλοῦν ἀσφαλῶς παρασκευάζονται τὸν δεύτερον. μέμνηται ταύτης Πλάτων καὶ ἐν Φαίδωνι [...] καὶ Ἀριστοτέλης ἐν τῷ Β' τῶν Ἠθικῶν [...] καὶ Μένανδρος Κεκρυφάλῳ [...] καὶ Πλοκίῳ [...] καὶ Θεοφορουμένη [...]

19c2-3 *segunda... navegação*] provérbio "segunda navegação": com relação ao *fazer alguma coisa de modo seguro*, paralelamente a este modo, aqueles que *falham em obter a segurança da primeira navegação se preparam para a segunda*. Platão se recorda disso também no *Fédon* [...], e Aristóteles no [livro] B' da *Ética* [...], e Menandro no *Kekryphalos* [...] e no *Plokios* [...] e na *Theophoroumene* [...].

(*Scholia Platonem* 381 Bekk. = Menandro fr. 228 - grifos nossos)

3) os outros usos dessa expressão proverbial realizados por Platão (*Filebo*, 19c; *Político*, 300c), bem como aqueles por Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1109a36; *Política*, 1284b19), não podem deixar de ser pontos passíveis de largos debates. Isto porque, de um lado, conforme eu já disse, muitas são as acusações, pelos estudiosos, de que os personagens platônicos estariam sendo irônicos nos usos do

provérbio nos diálogos¹⁴. E, de outro lado, nós, leitores modernos, não possuímos aquilo com que os fundadores da Academia e do Liceu já contavam que seu contemporâneo público leitor possuísse: um completo conhecimento e familiaridade com o significado do provérbio (até mesmo para perceber um uso irônico dele). E este talvez seja o principal motivo dessa querela em relação ao tema: ao contar com essa familiaridade em seus leitores, esses dois autores usaram a expressão “segunda navegação” não só sem explicá-la, mas, na verdade, usaram-na para explicar outras afirmações suas. E um eventual demorar-se sobre cada uma das passagens de suas obras, obviamente, pela dificuldade de interpretação, desviaria muito meu texto de seu caminho.

Nesse sentido, muito mais útil parece ser buscar, em outro autor, uma utilização do provérbio que seja mais detalhada, num contexto mais simples, menos sujeito a disputa, e que permita, assim, iluminar o sentido que o ditado possuía na cultura da época.

Lembrado por Shipton¹⁵, um exemplo bem mais luminoso de uso da expressão “segunda navegação” pode ser encontrado no livro VIII das *Histórias* de Políbio. O contexto é o da relação entre os estados e a guerra. A citação é longa, mas vale o custo:

[**Texto 8**] [...] Enquanto, portanto, nós devemos censurar aqueles que descuidadosamente colocam a si mesmos à mercê do inimigo, nós devemos não culpar aqueles que tomam todas as precauções possíveis. Porque é completamente impraticável não confiar em ninguém, e nós não devemos buscar faltas em alguém que agiu segundo os ditames do *lógos*, após receber as garantias adequadas. Estas garantias são juramentos, manter esposas e filhos como reféns, e acima de tudo a vida passada da pessoa em questão. Logo, ser traído e arruinado nessas condições acarreta reprovação não para quem sofre, mas apenas para o autor do ato [da traição]. *O melhor sendo assim buscar tais garantias, tanto como tornar, ao homem em quem se confia, impossível quebrar sua palavra. Contudo, uma vez que estas coisas raramente podem ser obtidas, a “segunda navegação” (deúteros ploûs) seria tomar precauções razoáveis, porque se nossas expectativas forem*

¹⁴Ver p. ex. ROBIN, 1934, p. XLVIII; BURNET, *apud* FISCHER, 2002, p. 676, n. 66; ROBINSON, 1941, p. 110.

¹⁵SHIPTON, 1979, p. 51, n. 15.

desapontadas, nós podemos ao menos não falhar em ser perdoados pela opinião pública.

(POLÍBIO, 8, 36, 2, 1-6 – grifos nossos)

Dadas todas as informações nessa citação do historiador, o sentido da expressão “*deúteros ploûs*” aparece assim de modo cristalino e em plena consonância com a supracitada explicação do escoliasta (Texto 7) sobre seu sentido no diálogo *Filebo*: o melhor seria a garantia total, um caminho no qual o fracasso fosse impossível. Entretanto, dado que essa absoluta segurança é raríssima, quase impossível de ser alcançada, é preciso contentar-se com uma opção “*não tão boa porém disponível*”, isto é, a “*segunda navegação*”.

A expressão metafórica e proverbial representa, nesse sentido, o caminho que, ainda que sem a total garantia desejável, é o caminho possível de ser seguido. E para isso gostaria de chamar atenção do meu leitor: *é fundamental, para pensar o Método de Hipóteses no texto do Fédon, nunca perder de vista esse significado*: o provérbio “segunda navegação”, no grego corrente da época de Platão, equivalia a provérbios brasileiros tais como “quem não tem cão caça com gato”, ou “para quem está morrendo afogado, jacaré é boia”. Em inglês, tal sentido é veiculado pela expressão “*second-best*”, e, em francês, pela “*pis-aller*”; e, por isso mesmo, parece satisfatório o uso dessas expressões como traduções, nas línguas contemporâneas, da expressão “*segunda navegação*”.

Ratificando, então, este ponto: a despeito das alegações de especialistas de grande quilate, acima mencionados, sobre a ocorrência dessa expressão no *Fédon*, trata-se “*deúteros ploûs*” de um *modo sem plenas garantias* de realizar alguma coisa, que, *longe de ser o modo ideal, melhor, seguro e mais desejado, é o único disponível no momento para esta realização*. Esta noção está presente, conforme mostrei, em todas referências gregas à expressão aqui apresentadas: o fragmento 241K de Menandro (Texto 6); o comentário do escoliasta a *Filebo* 19c (Texto 7 = fragmento 228 de Menandro); o trecho 8.36.2 das *Histórias* de Políbio (Texto 8); e as três passagens do *Fédon* que apresentam a metáfora náutica, citadas no início do meu texto: 85c-d (Texto 2), 99c-102b (Textos 3 e 4) e 107a-b (Texto 5).

Nesse sentido, o uso de Sócrates desse provérbio em *Fédon* 99c9-d1 (Textos

3) não só retoma a *metáfora do navegar*, como está plenamente de acordo com a imagem da *frágil e insegura embarcação* utilizada por Símias em *Féd.* 85c-d (Textos 2). O ponto é, realmente, digno de nota, e precisa ser sublinhado. *A realização da filosofia é descrita como uma travessia sobre algo frágil e inseguro, como uma jangada*. Tal é a metáfora usada no *Fédon* – inicialmente por Símias, depois reforçada proverbialmente por Sócrates – para a quiçá única possível¹⁶ busca de conhecimento disponível a nós, humanos, para a realização da travessia da vida.

IV

Resumo do quadro que foi traçado no *Fédon*:

Podemos então extrair do texto do diálogo as seguintes afirmações:

A) sobre certos assuntos¹⁷, *o conhecer com segurança é ou impossível, ou completamente difícil de alcançar* (*Féd.* 85c3-4), e é preciso submeter de todos os modos possíveis os argumentos sobre tais assuntos a exame de refutação, bem como não desistir antes de este exame estar completo (*Féd.* 85c4-6; 107b4-6);

B) o Método de Hipóteses, qualificado como uma “segunda navegação”, i.e. como um caminho alternativo e de sucesso incerto, possui as seguintes condições para seu uso:

B.1) se não for possível o conhecer mais seguro, mais sem risco, mais firme que tudo (o qual se daria através algum *lógos* divino, *Féd.* 85c3-4; d2-4)¹⁸

B.2)

¹⁶ Cf. BURGER, 1984, p. 147.

¹⁷ As colocações de Símias sobre o conhecimento como “jangada humana” (*Fédon* 85c-d) são expressamente acerca das questões em torno à alma, as quais foram recém trabalhadas por Sócrates no diálogo. Entretanto, a afirmação mais à frente de Sócrates (“seja acerca de causas, seja acerca de todas as outras coisas”, 100a5-6) deixa claro um possível uso, em tese, universal do método delineado.

¹⁸ Ao separar, em minha exposição, B.1 de B.2.1 e B.2.2, estou deixando claro minha não aquiescência com relação à mútua implicação necessária que Shipton (1979, p. 36; 50, n. 8; 51, n. 19) vê entre a revelação divina e o aprender ou descobrir sozinho. Pela forma como está disposto, o texto grego em *Fédon* 85c7-d4 *pode* ser interpretado como não tornando impossível esta mútua implicação. Mas esta interpretação está *longe de ser necessária*. E o reaparecimento em 99c6-9 do “aprender” e do “descobrir”, referindo-se a discursos humanos e sem nenhuma menção a *lógoi* divinos, aponta para o fato de que esta interpretação do estudioso não é “a mais forte”.

B.2.1) se não for possível aprender com alguém (*Féd.* 85c7-8; 99c9)

B.2.2) se não for possível descobrir sozinho (*Féd.* 85c8; 99c8)¹⁹

B.2.3) então, a única alternativa é o Método Hipotético, que, sendo uma “segunda navegação” (*Féd.* 99c9-d1), consiste em tomar dos *lógoi* humanos o melhor e mais difícil de refutar²⁰, e assumir os riscos de atravessar a vida sobre ele (*Féd.* 85c8-d2);

C) o Método de Hipóteses é apresentado com as seguintes características:

1) trata-se de um investigar o que é buscado dos entes nos *lógoi*, por imagens (*Féd.* 99e4-100a3)²¹,

2) e de um hipotetizar, em cada ocasião, o *lógos* que *se decide* ser o mais forte, tomando-o como critério de verdade: o que concorda com ele (i.e. o que *decorre*²² dele) considera-se como verdadeiro, o que não, não (*Féd.* 100a3-7);

¹⁹Shipton (1979, p. 39) parece ter bem notado que o esquema de alternativas (“aprender”, “descobrir sozinho”, etc: *Fédon* 85c7-9; 99c8-9) pode ser lido como uma filosófica corruptela platônica de Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, vv. 293-297.

²⁰ Cabe aqui demarcar minha absoluta discordância com a leitura que Burger (1984, p. 104) empreende desse *lógos* humano escolhido entre os outros como sendo “irrefutável”. O termo empregado por Símias no superlativo é *dysxelenktos*, cujos únicos significados registrados pelo *Lindell-Scott Journal* é “difícil de refutar” (sentido primário) e “difícil de descobrir” (sentido derivado). A distância entre o sentido do termo e o sentido atribuído pelo comentador parece enorme: um diamante indiscutivelmente é “difícil de destruir”, embora indiscutivelmente não seja “indestrutível”.

²¹ Isto é, *contra* Fischer (2002, p. 658), entendo que o texto da passagem não só *não* oponha “nos *lógoi*” a “por imagens” (ou “em imagens”), como na verdade “acumule” essas duas determinações para o método traçado: “[...] *ou gar pany synchoro ton en [tois] lógoi skopoumenon ta ónta en eikosi [...] skopein [...]*” (*Fédon* 100a1-2, grifos nossos).

²² Lendo assim “*symphonein*” (*Fédon* 100a5) junto com “*symbanei*” (80b1) e com “*ta hexes ekeinois*” (100c3), e aceitando a sugestão de solução de Burger (1984, p. 255-256, n. 33) para as dificuldades levantadas por Robinson (1941, p. 131-134). Dixsaut (1991, p. 142), por seu turno, exclui essa leitura, interpretando “*symphonein*” apenas como “estar de acordo” - embora não justifique bem os motivos da decisão -, ao passo que Sayre (1969, *apud* Lacey (1970)) aponta para a ambiguidade de o termo abarcar ambos os sentidos (“estar de acordo com” e “decorrer de”). Cumpre informar que talvez as linhas 101d4-5 do diálogo (“*an ta aph' hormethenta skepsaio ei soi allelois symphonei è diaphonei*”) pudessem dar lugar (mas não necessariamente) a uma interpretação de “*symphoneo*” diferente da minha, como a de Dixsaut. Não obstante, Burger (1984, p.

No que tange a este ponto, é oportuno explicitar como esse “hipotetizar” aparece no texto do *Fédon*: Sócrates parte de três postulações²³, para chegar a uma conclusão, a saber:

- (i) a existência das Ideias inteligíveis (*Féd.* 100b5-c2)
- (ii) a Regra de Causalidade ontológica (regra da “participação”)²⁴ (100c4-102a9)

- (iii) o Argumento dos Contrários (102b5-105c8)

logo:

- (iv) [conclusão] a imortalidade da alma (105c10-106d9)

3) Contudo, devido à *magnitude desses assuntos*, e à *fraqueza humana*, é preciso que sempre se desconfie dos *lógoi* e das hipóteses que compõem esse método, no mínimo enquanto não submetidos a profundo exame de segurança (*Féd.* 107a2-b6)²⁵.

257-258, n. 45) não entende que isso seja possível. Fischer (2002, p. 668-671), em seu parecer, parece ser feliz na arguição de que o sentido do verbo não é o mesmo nas duas passagens (100a e 101d), o que poderia ser usado na defesa do meu entendimento de que, na primeira delas, o contexto todo do vocabulário relativo às premissas e ao “hipotetizar” permite ler “consoar com” como “seguir-se de”, “decorrer de”. Cf. também ROSS, 1953, p. 29 (“[...] isto é, as conclusões que se seguem disso [...]”); e DORTER, 1982, p. 131 (“[...] após designar como verdadeiro o que harmonizou (i.e. suas consequências) [...]”).

²³A ideia de *homología* é recorrente nos diálogos, como um passo necessário para o encaminhamento das discussões, sendo o termo normalmente traduzido por “concordia”, “acordo”. Mas, dado todo o contexto do “considerar que”, “hipotetizar”, do *Fédon*, a expressão de Burger (1984, p. 149) para este termo grego, a saber, “base requerida”, convenhamos, não precisa ser rejeitada.

²⁴ Apesar de concordar com Dorter (1982, p. 129) que as colocações sobre a “participação” em *Fédon* 100c4-d9 não são “uma nova assunção”, no sentido de algo novo que é introduzido na discussão nesse momento – posto que tais afirmações já estavam presentes de certo modo desde o passo 74d -, eu entendo, em discordância desse especialista, que a colocação da “participação” (*Fédon* 100c4-d9) seja uma afirmativa hipotética (uma “hipótese”) que, junto com a afirmação da existência das Formas, e outras, forma o núcleo da chamada “Hipótese das Formas” *latu sensu* (a assim chamada “Teoria das Ideias”) nos diálogos platônicos. Isto é, minha discordância com Dorter é: entendo que uma dessas assertivas forme o núcleo da Hipótese das Formas *junto com* a outra assertiva, mas entendo que não necessariamente uma assertiva estaria “pressuposta” na outra, como quer o estudioso (Dortier, 1982, p. 130).

²⁵ Como bem notado por Dorter (1982, p. 161), não há, na passagem *Fédon* 107a-b, uma afirmação da parte de Sócrates de falsidade ou inconsistência dos *lógoi* e das hipóteses trabalhados no diálogo: há apenas um reconhecimento da legitimidade da falta de certeza

Considerações Finais

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa. [...]

Informara eu, de início, que os inerentes limites do presente artigo permitiriam a realização de uma investigação menos extensa e profunda do que o desejável para a complexidade do tema abordado. É fato que os objetivos do presente estudo encontram-se alcançados, a saber, a apresentação das características e condições do Método de Hipóteses²⁶ no *Fédon*, identificado como

de Símiás nessas coisas, bem como o reconhecimento da necessidade de maiores e ulteriores exames acerca das mesmas. Sócrates, assim, reafirma a necessidade de não interromper a pesquisa antes de realizar um exame de todos os modos acerca dos argumentos – necessidade que Símiás destacara já em 85c4-6.

²⁶ Assinalo, portanto, minha posição de que a “segunda navegação” no *Fédon* é a caracterização não exatamente de algumas teses em específico, mas sim de um “método” em geral: *em cada ocasião*, hipotetizar e tomar o *lógos* humano que pareça mais forte, investigando as consequências dele (100a). As afirmações (“teses”) sobre as Formas que aparecerão na sequência do diálogo (100b-102a) parecem-me ser, sobretudo, exemplos de *conteúdo* de *lógoi* hipotetizados e exemplos de *conteúdo* das consequências que se seguem deles. Isto é, são *exemplos* de possíveis usos do “Método de Hipóteses”, enquanto método em geral, não correspondendo assim à “segunda navegação” propriamente dita. Conforme mencionei acima, pesa a favor dessa minha interpretação a afirmação de Sócrates de que o método apontado pode ser usado na investigação “seja acerca de causas, seja acerca de todas as outras coisas” (100a5-6); nesse sentido, ele poderia ser usado até mesmo para assuntos não necessariamente relacionados às Formas. Aproximo-me, assim, da posição de Donald Ross (1982, p. 24) sobre este ponto, afastando-me de Shorey (1933, p. 179, *apud* FISHER, 2002, p. 653) e Dixsaut (1991, p. 140). Dorter (1982, p. 89; 126-128) também diferencia a explanação do “método” em geral da exposição de um argumento específico ventilado através do uso deste método. Aos olhos deste estudioso, o Método das Hipóteses seria “antes um projeto” de investigação do que um conjunto de “respostas acabadas” (Dorter, 1982, p. 90). Sobre o caso, Shipton parece entendê-lo de um modo, ainda que não totalmente díspar, diferente: para ele, não seria a resposta alcançada o que é considerado de antemão definido, mas sim a resposta buscada (ou seja, a pergunta): “a *deuteros plous* [...] não se refere a uma noção específica [...]. A *deuteros plous* [...] é ainda [...] um perguntar pela causa teleológica (Shipton, 1979, p. 40). Aproveito o ensejo para dizer que não vejo a incompatibilidade entre a aceitação deste modo de proceder como um “método” e a noção de *anámneseis*, incompatibilidade essa inicialmente alegada, e posteriormente nuançada, por Fischer (2002, p. 665-666; 674, n.

o caminho *par excellence* da filosofia, bem como explicar o sentido da expressão usada para qualificá-lo, “segunda navegação”.

No entanto, cumprido esses objetivos, torna-se possível ver que aquele meu aviso ao leitor sobre a profundidade da presente investigação encontra muita consonância com as características do próprio método descrito no diálogo. Pois, conforme resplandeceu em todas as referências de textos utilizadas, bem como no ditado que o caracteriza, esse método tem como principal traço a falta de plenas garantias, a ausência de certeza, e o não alcance de uma verdade definitiva para os problemas que aborda. Por outro lado, uma explicitação completa das *consequências* de admitir essa evidência, retirada dos textos analisados, não poderá ser aqui realizada em sua inteireza, posto que extravasa sobremodo as dimensões a que estamos sujeitos. O que poderia querer significar Platão com esta falta, esta incompletude, esta fragilidade do argumentar sobre certos assuntos? Pretenderia o fundador da Academia, com isso, apontar para algum ensinamento secreto, longe de suas obras escritas²⁷? Ou pretenderia apontar, antes, para a fraqueza da não divina condição humana? Melhor: apontar para que, apesar dessa fraqueza, nossa condição é a obrigação do perene ir-atrás, da ininterrupta busca²⁸ – apesar dos pesares? Dito de outro modo, em linguagem afeita ao povo brasileiro, que tão bem parece se encaixar ao grego de Platão: estaria o fundador da Academia dizendo que, “em mato sem cachorro” (“*aporía*”), é preciso “caçar com o gato que se tem” (“*deúteros ploûs*”)?

Em algum sentido, num olhar largo, mais amplo, sobre os diálogos platônicos, esta necessidade de empenho, esta necessidade de busca, parece ser o traço mais próprio da tarefa daquela que é, conforme lemos no *Banquete*, a filha da Penúria e da Riqueza, a *filosofia*²⁹. Aos olhos do Sócrates platônico, ainda que

60).

²⁷Como querem os maiores expoentes da chamada Escola de Tübingen-Milão. A título de exemplo: KRÄMER, 1959; GAISER, 1980, REALE, 1997; SZLEZÁK, 2009.

²⁸ Importante demarcar que eu não vejo a aparente autoexclusão que Burger (1984, p. 158) vê entre a contínua busca pelo conhecer, própria ao “genuíno filósofo”, e a assunção da insegurança e incompletude do método caracterizado como “segunda navegação”. Cf. também DORTER, 1982, p. 134; 138; 140.

²⁹ Cf. PLATÃO, *Banquete*, 203d-204b.

porventura se tornar um completo *sophós* seja algo possível apenas a um deus (*Fedro*, 278d2-7), certamente ainda será possível aos humanos amar a sabedoria (*philosopheîn*), esforçando-se para se mover em sua direção – a despeito da insegurança e da falta de garantias em alcançá-la. Ao menos, uma vida vivida nesse esforço de busca parece se apresentar como melhor do que uma vida de letargia e completa desesperança, como este mesmo personagem já ensinara algures (*Mênnon*, 81d5-e2).

Nesse sentido, então, o *silêncio de Sócrates* nos diálogos, a *incompletude* daquelas discussões perante certos assuntos, poderia ser, acima de tudo, o *convite*, o *chamado*³⁰, deixado para seus leitores, para o contínuo pensar, para o incansável questionar, para a travessia da vida³¹, enquanto e como... *filosofar*:

[**Texto 1**] τί; [...] ὑμῖν τὰ λεχθέντα μῶν μὴ δοκεῖ ἐνδεῶς λέγεσθαι;
[...]

[SÓC.] E então? A vós com certeza não parece que *falta dizer algo às coisas que foram ditas*? [literalmente: “que as coisas ditas precisam serem ditas”]

(PLATÃO, *Fédon*, 84c5-6 - grifos nossos)

[**Texto 9**] [...] καὶ ἄμ' εἰπὼν [...] μάλα εὐχερῶς καὶ εὐκόλως ἐξέπειν.
[...] κατεκλίνη ὑπτίως [...] ἤδη οὖν σχεδόν τι αὐτοῦ ἦν τὰ περὶ τὸ ἥττον ψυχόμενα, καὶ ἐκκαλυψάμενος —ἐνεκεκάλυπτο γάρ— εἶπεν—ὁ δὴ τελευταῖον ἐφθέγγετο:

‘ὦ Κρίτων, ἔφη, τῷ Ἀσκληπιῷ ὀφείλομεν ἀλεκτρυόνα: ἀλλὰ ἀπόδοτε καὶ μὴ ἀμελήσητε.’

ἀλλὰ ταῦτα [...] ἔσται [...]. ἀλλ' ὄρα εἴ τι ἄλλο λέγεις.

ταῦτα ἐρομένου αὐτοῦ οὐδὲν ἔτι ἀπεκρίνατο [...] ὁ Κρίτων συνέλαβε τὸ στόμα καὶ τοὺς ὀφθαλμούς.

³⁰Cf. BURGER, 1984, p. III.

³¹Sobre a relação, no texto do *Fédon*, do “Método de Hipóteses” com a noção de “travessia da vida”, Dixsaut (1991, p. 142) também está de acordo: “[...] Posto que postular este modo de ser supõe uma conversão radical da maneira de ver, de pensar e de falar (também, de viver e morrer [...])”.

[...] E em seguida, sem relutar [...] bebeu [a cicuta] até o fim. [...] Deitou-se de costas [...] [Sócrates] já tinha se tornado rijo e frio em quase toda a região inferior do ventre, quando descobriu a face [...] e disse estas palavras, as últimas que pronunciou:

[SÓC.] Críton, devemos um galo a Asclépio; não te esqueças de pagar a dívida.

[CRÍTON] Assim farei [...]. *Mas veja se não tem alguma outra coisa [ainda] a dizer?*

Esta pergunta [...] ficou sem nenhuma resposta. [...] Críton cerrou sua boca e seus olhos.

(PLATÃO, *Fédon*, 117c3-118a14 – Tradução de J. Paleikat e J. C. Costa, com modificações - grifos nossos)

Tal qual Diadorim atravessando, em frágil canoa, o bravio e caudaloso rio São Francisco, Sócrates estava, em seu silêncio, sereno, sereno...

Referências

- ACKRILL, J. L. (1997). *Symploke eidon*. In: *idem. Essays on Plato and Aristotle*. Oxford, Clarendon Press.
- BENARDETE, S. (1989). *Socrates' Second Sailing. On Plato's Republic*. Chicago, UCP.
- BURGER, R. (1984 (1947)). *The Phaedo: A Platonic Labyrinth*. New Haven, Yale University Press.
- DORTER, K. (1982). *Plato's Phaedo: An interpretation*. Toronto, UTP.
- FISCHER, F. (2002). La “méthode” et les “hypothèses” en “Phédon” 99d-102a. *Revue Philosophique de Louvain*. 4ème. série, Tome 100, no. 4, p. 650-680.
- GAISER, K. (1980). Plato's Enigmatic “Lecture on the Good”. *Phronesis* 25, p. 5-27.
- KRÄMER, H. J. (1959). *Arete bei Platon und Aristoteles. Zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*. Heidelberg, Carl Winter/Universitätsverlag.
- LACEY, A. R. (1970). News Books. *Philosophy* vol. 45, issue 173, p. 250-251.
- LINDELL, H. G.; SCOTT, R. (comp.) (1996). *A Greek-English Lexicon*. Oxford, Clarendon Press.
- MENANDER. Opera. In: KOCK, T. (1880-1888). *Commicorum Atticorum fragmenta* 3.
- SOUZA, J. C.; PALEIKAT, J.; COSTA, J. C. (1972). *Platão: Diálogos. Banquete. Fédon. Sofista. Político*. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores).
- GALLOP, D. (2002 (1975)). *Plato: Phaedo*. Transl. with notes. Oxford, Clarendon Press.
- ROBIN, L. (1934). *Platon: Phédon*. Texte établi et traduit. Paris, Les Belles Lettres.
- DIXSAUT, M. (1991). *Platon: Phédon*. Traduction nouvelle, introduction et notes. Paris, GF Flammarion.
- PATON, W. R. (1979 (1923)). *Polybius: The Histories*. Vol. III. Transl. Series: Loeb Classical Library. Cambridge, Harvard University Press.
- REALE, G. (1997). *Para uma nova interpretação de Platão: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “doutrinas não-escritas”*. São Paulo, Edições Loyola.
- ROBINSON, R. (1941). *Plato's Earlier Dialectic*. New York, Cornell University Press.
- ROSS, D. L. (1982). The *Deuteros Plous*, Simmias' Speech, and Socrates' Answer to Cebes in Plato's *Phaedo*. *Hermes* CX, p. 19-25.

ROSS, W. D. (1953) [1951]. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford, Clarendon Press.

SAYRE, K. (1969). *Plato's Analytic Method*. Chicago, UCP.

SHIPTON, K. M. W. (1979). A Good Second-Best: "Phaedo" 99b ff. *Phronesis*, vol. 24, no. 1, p. 33-53.

SHOREY, P. (1933). *What Plato said*. Chicago: UCP.

SZLEZÁK, T. (2009). *Platão e a escritura da filosofia*. São Paulo: Loyola.

Submissão: 15. 10. 2024

/

Aceite: 10. 11. 2024